

SUGESTÕES DE RESOLUÇÃO

(de acordo com os critérios específicos de correcção e respectivos cenários de resposta)

GRUPO I

A

1. Ao longo das duas primeiras estrofes, o poeta estabelece uma correlação entre um sujeito colectivo, “*nós*”, e determinados elementos da Natureza, em relação às marcas que todos eles deixam no mundo. Deste modo, o ruído das folhas das árvores e da passagem do vento é tão insignificante quanto a agitação do homem: “*Não fazemos mais ruído no que existe / Do que as folhas das árvores / Ou os passos do vento*” (vv. 6-8), “*Passamos e agitamo-nos debalde*” (v. 5). Por outro lado, a Natureza, concretizada nos arvoredos, assiste impassível à passagem dos homens: “*Antes de nós nos mesmos arvoredos / Passou o vento, quando havia vento*” (vv. 1-2), havendo como que uma permanência que se opõe à transitoriedade da vida humana. É também de assinalar que o sujeito colectivo “*nós*” se distancia da Natureza, na medida em que a voz poética traduz a percepção e consciência humanas da passagem do tempo e da inutilidade do esforço do homem, enquanto os elementos naturais permanecem passivos em relação a esta consciência.
2. A terceira estrofe traduz a atitude racional de abandono do desejo patente na obra poética de Reis, que conduz a um tranquilo gozo epicurista da vida. O poeta, em tom exortativo, apela à calma fruição da Natureza: “*Tentemos pois com abandono assíduo / Entregar nosso esforço à Natureza*” (vv. 9-10). Assim, o sujeito poético aspira à passiva aceitação da ordem das coisas, vivendo em ataraxia, numa indiferença próxima da da Natureza e não querendo “*mais vida / Que a das árvores verdes*” (vv. 11-12), alheio à agitação do mundo.
3. Nas quatro primeiras estrofes, o sujeito poético apresenta uma reflexão filosófica sobre o tempo e os efeitos da sua passagem. Nesta medida, a utilização da primeira pessoa do plural justifica-se, pois as conclusões e as recomendações que o poeta tira e faz são globais e a expressão aplica-se a todos os seres humanos, entre os quais se conta o sujeito poético (“*nós*” – v. 1, “*Passamos*” – v. 5, “*agitamo-nos*” – v. 5, “*Não fazemos*” – v. 6, “*Tentemos*” – v. 9, “*nosso*” – v. 10, “*parecemos*” – v. 13, “*nós*” – v. 14, “*Nos*” – v. 15, “*nos*” – v. 16). Na última estrofe, aparentemente o eu lírico volta-se sobre si próprio, fazendo uma reflexão individual sobre o valor da sua fugaz existência, sujeita ao poder da passagem inexorável do Tempo, aplicando, de certa forma, as conclusões das suas reflexões. Porém, embora se registre a utilização da primeira pessoa do singular, o poeta coloca uma questão sobre o seu percurso individual para apelar à reflexão colectiva.
4. A pergunta de retórica presente na última estrofe traduz uma reflexão sobre o valor da vida humana perante o poder do Tempo. Assim, tal como as pegadas deixadas na areia são facilmente apagadas pelas ondas (“*Se aqui, à beira-mar, o meu indício / Na areia o mar com ondas três o apaga*” – vv. 17-18), a existência humana será sempre apagada pela passagem do Tempo (“*Que fará na alta praia / em que o mar é o Tempo?*” – vv. 19-20) e ambas – pegadas e existência – se revelam transitórias e submetidas ao poder de forças que lhes são superiores. Nesta medida, a interrogação retórica estabelece um marcado contraste entre a pequenez do homem e a força universal suprema que é o Tempo.

CEFR-P12 © Porto Editora

B

Sugestão de texto

A obra *Memorial do Convento* apresenta de forma caricatural o rei D. João V, caracterizado, sobretudo, por ser egocêntrico e tirânico.

Assim, este monarca apresenta-se ao longo da acção como perdulário, despendendo largas somas de dinheiro para satisfazer os seus caprichos e o seu desejo de imortalidade, concretizados na construção megalómana do convento de Mafra. Para tal sacrificou o bem-estar do povo, que, tiranicamente, escravizou, quase animalizou, e obrigou a trabalhar nas obras, delapidando puerilmente os fundos públicos que, enquanto rei absolutista, entendia serem seus.

Em suma, Saramago apresenta um rei que, vaidosamente e para preservar a sua imagem para as gerações futuras, não hesita em desrespeitar os direitos fundamentais dos seus súbditos, submetendo-os a uma existência próxima da escravidão.

120 palavras

GRUPO II

1. d); 2. c); 3. b); 4. c); 5. a); 6. b); 7. d).

8. 1. c.; 2. a.; 3. e.; 4. g.; 5. h.

GRUPO III

Sugestão de texto

É quase um lugar-comum afirmar-se que a sociedade ocidental do século XXI valoriza excessivamente a posse de bens materiais como forma de prestígio social, negligenciando ostensivamente outros valores. Deste modo, as questões ligadas aos afectos, à vida familiar e social, que até agora foram o sustentáculo dos valores ocidentais, têm vindo a ser secundarizadas.

De facto, assistimos à concretização dos desejos consumistas, traduzida pela aquisição de bens que são globalmente perspectivados como reflexo do sucesso pessoal e social. São comuns, por exemplo, comportamentos, por vezes, quase obsessivos de compra da última novidade tecnológica prestigiante, como é o caso do *iPhone* ou da *Playstation*, ou ao endividamento das famílias para a posse de um automóvel que, pela quantia exorbitante que custa, é encarado como um sinal de sucesso e até de felicidade. Aqueles que não podem ou não querem ceder a estas tendências consumistas são, frequentemente, encarados como párias, como seres tristes e fracassados.

Por outro lado, a acompanhar esta obsessão materialista, verifica-se o vazio afectivo, a existência de vidas recheadas de sinais materiais de sucesso, mas preenchidas por ausências de valores, de família e de amigos. O Homem contemporâneo raramente utiliza o seu tempo de modo a reforçar os seus relacionamentos afectivos e familiares, que, hoje em dia, são menosprezados, o que cria uma sociedade de abandono e de vazio emocional. Pode referir-se, a título de exemplo, o abandono dos idosos nos lares e até nos hospitais, porque a vida dos seus filhos é devotada à conquista de posses materiais e não existe disponibilidade para cuidar deles.

Em suma, a sociedade deste início de milénio caracteriza-se pela aparência de sucesso, ligada à posse de bens materiais, e pelo abandono de valores que sempre caracterizaram a existência humana, verificando-se assim a valorização do ter e do parecer e negligenciando-se o ser.

299 palavras

CEFR-P12 © Porto Editora